



Portal Kaingang
www.portalkaingang.org

Revista de Antropologia

EGON SCHADEN, Diretor

VOLUME 2.º

SÃO PAULO
1954

“sensualismo” del arte negro. En la hora presente constituye un fecundo terreno de estudio e investigación metodizados, que está dando cuajados frutos.

Buenos Aires, mayo de 1954.

Néstor R. Ortiz Oderigo

* * *

CONVENÇÃO PARA A GRAFIA DOS NOMES TRIBAIS

(Assinada pela maioria dos participantes da 1a. Reunião Brasileira de Antropologia)

- 1) Atender à questão prática da pobreza das nossas tipografias em linotipos e monotipos.
- 2) Aceitar o dígrafo, i. e., o uso de duas letras para um som vocal uno, quando para evitá-lo seria preciso usar caracteres tipográficos muito especiais.
- 3) Limitarmo-nos aos caracteres do alfabeto latino, não só para evitar dificuldade tipográfica, mas também um aspecto gráfico estrúxulo com a intercalação, no texto português corrido, de caracteres heteróclitos.
- 4) Ao contrário da atitude atual da filologia portuguesa, inspirada em Gonçalves Viana, não nos limitarmos às letras consideradas genuinamente portuguesas, mas incluir o *k*, *y* e *w*, cômodos e até indispensáveis.
- 5) Banir a dualidade de representação para um mesmo som vocal e portanto banir as letras que só representam um som em condições parciais, como *c* e *q*, substituíveis por *k*.
- 6) Usar apenas os sinais diacríticos usuais, como o trema, o acento agudo e o acento circunflexo (o til e o acento grave não terão oportunidade de serem usados, como veremos em 15 e 16).
- 7) Não procurar cingir estritamente a pronúncia da língua índia, mas usar um sistema lato (ing. *broad transcription*), só distinguindo os sons vocais da natureza dos que possuímos e os que nos é relativamente fácil pronunciar por conhecê-los de outras línguas ocidentais (*u* francês, *ch* inglês, etc.) ou por compreender-lhes facilmente a articulação, como as consoantes aspiradas e as geminadas.
- 8) Nestas condições dividir os sons vocais em — *VOGAIS* e *CONSOANTES*, e dividir esses dois tipos básicos em alguns subtipos gerais apenas.
- 9) Para as *CONSOANTES* considerar: 1) — Quanto à maneira de emissão da corrente de ar: a) oclusivas; b) constrictivas; c) africadas; d) nasais; e) líquidas. 2) — Quanto ao ponto articulatorio; a') labiais; b') ântero-linguais; c') médio-linguais (nas constrictivas, africadas, nasais e líquidas); d') póstero-linguais (nas oclusivas e nasais). Portanto: a) *p*, *b*, *t*, *d*, *k*, *g*; b) *f*, *v*, *s*, *z*, *x*, *j*; c) *tx*, *dj*, que são médio-palatais na 2a. fase articulatória, e qualquer outra africada, decompondo-a na oclusiva correspondente à 1a. fase articulatória e na constrictiva correspondente à 2a. fase articulatória; d) *m*, *n*, *ñ*, *ng*; e) *r*, *l*, *lh*, ficando o *r* com a capacidade de representar qualquer modalidade da vibrante.
- 10) Quando a consoante é de tipo fora do comum para nós, por combinar uma dada maneira de emissão da corrente de ar com um ponto articulatorio que entre nós não se combina com essa maneira de emissão, dar preferência à coincidência do ponto articulatorio entre a consoante em questão e a nossa, representando a consoante como se a maneira de emissão da corrente de ar fôsse a da nossa; assim, uma constrictiva bilabial será indicada por *p*, que é oclusiva bilabial; uma constrictiva póstero-lingual, será indicada por *k*, que é oclusiva póstero-lingual, etc.
- 11) Representar a aspiração, usando a letra *h* isolada ou combinada com uma consoante oclusiva, se esta é aspirada (*kh*, *th*, etc.) e não representar a aspiração nos outros tipos de consoante, o que é um caso muito raro, atendendo à segunda parte de 7).
- 12) Representar o *glottal stop* por um hífen (-), colocado entre as duas letras correspondentes aos dois sons vocais entre os quais êle se verifica.
- 13) Para as vogais, considerar: a) o avanço da língua sem arredondamento dos lábios, como nas nossas vogais anteriores ou palatais; b) o recuo da língua com o arredondamento dos lábios, como nas nossas vogais posteriores também ditas velares ou labiais; c) o avanço da língua com arredondamento e o recuo da língua sem arredondamento, o que constitui as vogais chamadas “mistas” em fonética (*u* francês de *nu*, *eu* francês de *feu*, *u* inglês de *but*, etc.).
- 14) Usar as vogais portuguesas para a) e b) sem procurar distinguir nas sílabas átonas vogais abertas e fechadas; e usar as vogais *a*, *o*, *u*, com trema para as mistas: a) *a*, *e*, *i*; b) *o*, *u*; c) *ã*, *õ*, *ü* (assim, por causa de 1), tanto o *eu* de *feu* como o *u* de *but* serão indicados por *ö*.

- 15) Representar as vogais nasais pela vogal correspondente seguida de *n*, sem cogitar de distinguir a vogal nasal pura e a vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba e por isso nasalizada.
- 16) Representar a vogal tônica dos tipos 14a e 14b por acento agudo, se é aberta, ou para *i* e *u* em qualquer caso, e pelo acento circunflexo, se é fechada.
- 17) Quando no nome tribal aparece uma vogal mista (tremada) e não há acento em outra vogal, entende-se que esta vogal mista é a tônica.
- 18) Do nosso alfabeto usual, ficam, portanto, sem aplicação as letras *c* e *q*, o acento grave e o til.
- 19) Em compensação introduz-se o *y* e o *w* para distinguir da vogal *i* ou *u*, respectivamente, a semiconsoante correspondente, i. é, uma articulação em que há sensível constrição da corrente de ar na parte pré-vocálica da sílaba, quando essa semiconsoante estiver isolada.
- 20) Os nomes tribais se escreverão com letra maiúscula, facultando-se o uso de minúscula no seu emprêgo adjetival.
- 21) Os nomes tribais de origem portuguesa ou morficamente aportuguesados terão a grafia portuguesa e a flexão portuguesa, mas também se escreverão com letra maiúscula.
- 22) Os nomes tribais de 1) a 20) não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival.

* * *

Os abaixo-assinados, participantes da 1a. Reunião Brasileira de Antropologia, resolvem, para seu uso próprio e de quantos queiram a eles aderir, cingir-se às normas acima, para a grafia dos nomes tribais brasileiros em texto português, reservando-se o direito de rever essas Normas em futura Reunião de Antropologia; outrossim, fica entendido que cada um dos que as adotarem poderá, se lhe parecer conveniente, entender essas Normas à grafia de nomes tribais, em geral, de qualquer parte do mundo.

Sala de Sessões, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1953.